

Nossa língua - na ponta da língua e do lápis...

Dica
n.º 05

Fevereiro / 2012

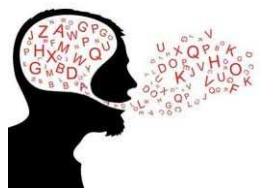
Preconceito Linguístico e Mitos que rondam a Língua Portuguesa?

*Por **Denise Pinheiro Oliveira**

Na “DICA” anterior, apresentamos mais dois mitos que cercam a Língua Portuguesa, de acordo com **Marcos Bagno**¹. Vejamos o sétimo e o oitavo mito:

Mito n.º 7 – “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”

Este mito é um dos mais difundidos. Tão comum é esta afirmação que faz com que a cobrança do estudo da gramática seja feita não só pelos professores, mas até mesmo pelos pais, que muitas vezes não conseguem entender quando o professor ou a escola tentam, senão mudar, ao menos abrandar o estudo maçante da gramática. Para mostrar a inverdade deste conceito, o autor lança mão de vários exemplos que nos mostram o contrário. Um deles é simples e direto e fala que, se a afirmação fosse verdadeira, todos os gramáticos seriam excelentes escritores, e vice-versa. Porém, isso não acontece. Bagno ilustra este exemplo com declarações de relativa ignorância da gramática normativa emitidas por nomes indiscutivelmente ilustres da nossa literatura: Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e Machado de Assis. Outro fato gritante que inviabiliza o mito é a origem das gramáticas ocidentais, na Grécia. Na época de sua criação, sua função era a de registrar e descrever as manifestações linguísticas livres usadas pelos autores admirados da época, como Platão e Ésquilo. Vê-se aí uma inversão violenta dos valores que temos hoje: a gramática normativa surge como um registro da língua, ao contrário do que hoje se acredita, ou seja, que os falantes da língua é que precisam da gramática para saber como a utilizarem. Apesar de ainda não se ter um



consenso exato de qual a melhor maneira de se ensinar a língua portuguesa nas escolas, sabe-se que não é através da gramática normativa.

Mito n.º 8 – “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”

Fechando o “circuito mitológico”, este mito se relaciona com o primeiro mito que mostramos, pois ambos mexem com questões sociais. Acreditar que se ascende socialmente sabendo a norma culta da língua é se ter uma visão preconceituosa acerca das variações não padrão da língua, acreditando que, no fundo, só mesmo a norma culta tem validade como língua. O primeiro e mais contundente exemplo mostrado é o fato de que, se o mito fosse real, os professores de português estariam no topo da esfera social, econômica e política, visto que são os mais entendidos da gramática normativa. E isso, sabidamente, não acontece. Mas qualquer detentor de grandes poderes ou propriedades, com sua importância reconhecida pela sociedade, poderá falar como bem entender sem ser questionado. Isso mais uma vez mostra que o preconceito não visa à língua por si só, mas sim quem fala a língua. “O que está em jogo não é a simples ‘transformação’ de um indivíduo, que vai deixar de ser um ‘sem língua padrão’ para tornar-se um falante da variedade culta. O que está em jogo é a transformação da sociedade como um todo...” explica Bagno, concluindo que inútil será falar de preconceito linguístico sem nos lembrarmos do seu principal causador, a injustiça social.

¹ Professor de Linguística da UnB (Universidade de Brasília) e doutor pela Universidade de São Paulo. Seu trabalho de maior destaque é o livro **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz** (Loyola, 1999) que aborda de maneira simplificada o tratamento preconceituoso ao qual é submetido o falante que não se enquadra à norma padrão.

* Graduada em Letras - Português/Inglês e Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Cruzeiro do Sul. Ministra aulas de Português para Brasileiros (atualização gramatical e redação empresarial) e Português para Estrangeiros. É responsável pelos cursos de Língua Portuguesa da All About Idiomas.